

K-DIPLOMACIA: A INICIATIVA *GLOBAL KOREA* NA POLÍTICA EXTERNA SUL-COREANA (2008-2013)

K-diplomacy: The Global Korea Initiative in South Korea's Foreign Policy

Thaís da Silva Viana¹

Aline Mendes da Silva²

Alanna Itajahy Mainente³

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. **E-mail:** thaisa.viana298@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-7986-2006>.

²Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, Brasil. **E-mail:** alinemflower@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3189-0512>.

³Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. **E-mail:** itajahyalanna@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-4145-1628>.

Artigo Recebido em: 15 abr. 2025 | Aceito em: 16 nov. 2025.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO

A Coreia do Sul é um dos casos mais proeminentes de êxito cultural no cenário internacional contemporâneo, um status que foi alcançado por meio de recursos como a televisão, o cinema e a música pop. Nesse contexto de expansão da chamada “onda coreana”, o país também buscou impulsionar seus objetivos de política externa, como a ampliação de suas relações diplomáticas, o reconhecimento como potência média e uma participação mais ativa no sistema internacional. Assim, unindo a ascensão cultural aos interesses da política externa sul-coreana, foi criada a iniciativa *Global Korea*, em 2008. Este artigo analisa a iniciativa *Global Korea* à luz do conceito de diplomacia pública, buscando compreender como ela foi operacionalizada em prol dos objetivos de política externa sul-coreanos.

Palavras-chave: Diplomacia Pública. Coreia do Sul. Global Korea.

ABSTRACT

South Korea stands out as one of the most prominent cases of cultural success in the contemporary international arena, a status achieved through media resources such as television, cinema, and pop music. Within the context of the expanding so-called “Korean Wave,” the country has also sought to advance its foreign policy objectives, including strengthening diplomatic relations, recognition as a middle power, and more active participation in the international system. In this interplay between cultural rise and foreign policy interests, the Global Korea initiative was launched in 2008. This article analyzes the Global Korea initiative through the lens of public diplomacy, aiming to understand how it has been operationalized in support of South Korea’s foreign policy goals.

Keywords: Public Diplomacy. South Korea. Global Korea.

INTRODUÇÃO

A Coreia do Sul é considerada o caso bem-sucedido de desenvolvimento econômico nacional - um país que saiu de uma sociedade agrícola arruinada pela Guerra da Coreia (1950-1953) e se tornou a nação economicamente exitosa, internacionalmente ativa e culturalmente relevante que é atualmente (Hermanns, 2013). Apesar de já ser considerada uma democracia próspera desde a década de 1990 (Hermanns, 2013), o século XXI deu um impulso significativo para a visibilidade internacional dessa nação, sendo a exportação cultural parte importante desse processo, por meio de elementos culturais como dramas televisivos, música pop e filmes (Kim, 2015).

Tal exportação cultural ficou conhecida mundialmente como *Hallyu*, ou “Onda Coreana”, e caracteriza-se como uma coalizão entre Estado, mercado e sociedade em prol do desenvolvimento de capital geopolítico para a Coreia do Sul (Oliveira, 2025). Por um lado, a Onda

Coreana se expandia ao redor do mundo a partir da década de 1990, por outro, a Coreia também enfrentava dinâmicas políticas internacionais daquele tempo. A ascensão da China questionava a distribuição de poder no sistema internacional e a influência de seu principal aliado, os Estados Unidos, na Ásia, ao mesmo tempo em que o país ampliava seus vínculos internacionais para alcançar tais objetivos políticos mais amplos (Oliveira, 2025).

Assim, unindo a difusão da cultura sul-coreana com os interesses nacionais do país, foi criada a iniciativa *Global Korea*, em 2008, durante o governo de Lee Myung-Bak (2008-2013). Nesse artigo, busca-se responder a seguinte questão: como os projetos culturais dessa iniciativa foram implementados de forma a promover os interesses políticos da Coreia do Sul para o cenário internacional?

Fundamenta-se essa análise no conceito de diplomacia pública, entendido pela Coreia do Sul como atividades diplomáticas por meio das quais o Estado promove a compreensão de estrangeiros e fortalece a confiança no país, seja diretamente ou em cooperação com governos locais e o setor privado, utilizando recursos como cultura, conhecimento e políticas (Ministério das Relações Exteriores da República da Coreia, 2022). De caráter descritivo e bibliográfico, o estudo está estruturado em três seções: a primeira apresenta o conceito de diplomacia pública e debate a cultura como um recurso de política externa; a segunda analisa as dinâmicas culturais, políticas e diplomáticas que levaram à criação da *Global Korea*; e a terceira examina o papel dessa iniciativa na política externa sul-coreana.

A CULTURA COMO RECURSO DE POLÍTICA EXTERNA E A DIPLOMACIA PÚBLICA

Conforme Bijos e Arruda (2010), a globalização amplia as redes de interação entre Estados e sociedades, intensificando a interconexão de grupos socioculturais distintos. Com a rápida circulação de informações e o uso crescente da tecnologia, os intercâmbios culturais tornam-se mais valiosos nas relações diplomáticas. Assim, a cultura pode ser um recurso de política externa para reduzir barreiras, favorecer a cooperação e ampliar interações internacionais. No conflito com a Coreia do Norte, por exemplo, a Coreia do Sul usou sua música pop para promover concertos pela paz (Silva; Viana; Oliveira, 2024), evidenciando o papel da cultura na superação de barreiras políticas e conflitos.

O emprego da cultura como recurso de política externa é frequentemente analisado por duas perspectivas conceituais: *soft power* e diplomacia cultural. O primeiro sustenta que um país pode influenciar a política mundial ao atrair outros Estados, que o seguem por admirar seus valores, emular seus exemplos e buscar seu nível de prosperidade, sendo a cultura um meio para isso (Nye, 2008). Já a diplomacia cultural refere-se ao uso estratégico de bens culturais pelos países para alcançar objetivos de política externa (Clarke, 2020).

Apesar de não descartarmos que esses conceitos também influenciam a inserção da cultura na política externa sul-coreana, uma vez que ambos lidam com a presença da cultura na

agenda diplomática e a consideram um instrumento estratégico no cenário internacional, neste trabalho adotamos o conceito de diplomacia pública como arcabouço para nossos argumentos. A escolha se dá, sobretudo, pelo reconhecimento das limitações dos conceitos, especialmente o de *soft power*, que envolve muito mais uma mobilização da sociedade civil com resultados a longo prazo do que uma atuação das forças estatais (Nye, 2019). Como o próprio Nye afirma no artigo “*Soft Power and Public Diplomacy Revisited*” (2019): “Formuladores de políticas podem dar ordens às suas forças militares, mas, ao menos nas democracias, é mais difícil para eles direcionar artistas, universidades e fundações.”⁴. Nesse sentido, pensar o instrumento diplomático a partir da diplomacia pública permite que o Estado, em políticas como a *Global Korea*, tome a centralidade do debate.

A escolha pela diplomacia pública se justifica por se tratar de uma forma de diplomacia impactada pela globalização e pela internacionalização da mídia. Até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a diplomacia era um assunto privado, restrito aos líderes, mas, com o desenvolvimento dos meios de comunicação, as discussões diplomáticas passaram a ser mais visíveis, tornando obsoleta a chamada “velha diplomacia”. A prática diplomática tornou-se mais inclusiva, incorporando o público aos empreendimentos diplomáticos, processo amplificado pelo rádio, pela televisão e pelos jornais, que ajudaram a difundir o conhecimento sobre o campo diplomático (Ramaprasad, 1983).

Além disso, a diplomacia pública é um conceito que lida com a relevância da cultura e dos meios de comunicação para as opiniões públicas internacionais e também pode ser vista como a forma pela qual os governos mobilizariam os recursos de *soft power*, ou seja, os valores, a cultura e as iniciativas políticas. O objetivo disso seria comunicar e atrair o público de outros países, e não somente se comunicar com os seus governos (Nye, 2008). Nesse sentido, a diplomacia pública pode ser interpretada como uma forma de utilizar os recursos do *soft power* para produzi-los, ou seja, difundir a atração do país entre a audiência internacional (Lekakis, 2019). Essas seriam chaves importantes para a análise da iniciativa *Global Korea*.

De forma geral, o propósito da diplomacia pública é gerar compreensão internacional para as ações e objetivos do país, promovendo seus interesses no cenário externo (e justificando as escolhas, em certa medida, de política externa). Ela pode ocorrer de forma unilateral ou por meio de diálogo mútuo entre países, sendo conduzida pelo Estado por meio de políticas voltadas ao público externo ou com apoio de recursos estatais. Um exemplo de política estatal para a audiência internacional seria o CGTN da China, um canal de notícias internacionais chinês controlado pelo Departamento de Publicidade do Partido Comunista Chinês e voltado para o público internacional com transmissões em inglês. Países como o Japão, os EUA e a França detêm canais semelhantes. No segundo caso, um exemplo é o filme estadunidense *A Hora Mais Escura*

⁴ No original: “Policy-makers can give orders to their military forces, but at least in democracies, it is harder for them to direct artists, universities and foundations.”

(2012), que conta a história da busca dos militares do país pelo paradeiro de Osama Bin Laden no Paquistão. O filme foi realizado por uma produtora privada, mas contou com a cooperação da Agência de Inteligência dos EUA e do Departamento de Defesa do país (Breznican, 2012).

Neste trabalho, analisamos a diplomacia pública com base em dois aportes centrais. Primeiro, que a diplomacia pública é um recurso utilizado pelos países e por intervenientes não-estatais para se comunicar com o público internacional e promover seus interesses e valores (Gregory, 2011). Segundo, que a diplomacia pública defende as políticas dos seus respectivos países para impulsionar a compreensão internacional sobre essas nações (Gilboa, 2015). Com base nessas perspectivas, defendemos o papel de iniciativas como a *Global Korea* para a promoção das políticas e interesses das nações no sistema internacional.

Como observamos na introdução, para a Coreia do Sul, a diplomacia pública é sobre as atividades que conduzem para promover a confiança e compreensão do público estrangeiro no país (Ministério das Relações Exteriores da República da Coreia, 2022). Essas atividades podem ser realizadas de forma direta ou em cooperações com governos estrangeiros e/ou iniciativa privada, com base em elementos como cultura, conhecimento e políticas. Além disso, o objetivo da diplomacia pública do país seria atravessado pela visão sul-coreana de se tornar um Estado Pivô Global que contribuísse para a liberdade, paz e prosperidade do sistema internacional (Ministério das Relações Exteriores da República da Coreia, 2022).

No plano mais recente para a diplomacia pública, o governo sul-coreano estabeleceu três objetivos principais: i) advogar estrategicamente em prol dos seus objetivos nacionais; ii) posicionar o país como uma potência em ciência, tecnologia e cultura; iii) criar um ecossistema digital e inovador para a diplomacia pública (Ministério das Relações Exteriores da República da Coreia, 2022).

Sobre esse último aspecto, cabe ressaltar o crescimento do debate acadêmico sobre a chamada “diplomacia pública digital” (Sotiriou, 2015; Rashica, 2018; Duncombe, 2019), na qual as mídias sociais e plataformas digitais passam a exercer um papel relevante na comunicação com o público internacional e na difusão de iniciativas, políticas e valores. Nesse sentido, podemos mencionar projetos como a Iniciativa de Desenvolvimento Digital da Coreia (KoDi), na qual a Coreia do Sul auxilia países asiáticos de baixa e média renda através de assistências técnicas, visando acelerar a transformação digital baseada em dados nesses países (World Bank Group, s.d.)⁵.

Ademais, o Ministério das Relações Exteriores do país está envolvido em atividades relevantes para a diplomacia pública, tais como o fortalecimento da comunicação com países e regiões centrais para a política externa sul-coreana, a expansão das condições para o ensino do

⁵ Exemplos fora da conjuntura sul-coreana seriam a comunicação de diplomatas estadunidenses através de plataformas como o X, o Instagram da Embaixada da China no Brasil, uma plataforma que difunde a política, cultura e diplomacia na conjuntura sino-brasileira, e a plataforma online do *British Council* para o ensino da língua inglesa.

seu idioma no exterior, a promoção de uma diplomacia cultural interativa e fomento da diplomacia pública digital (Ministério das Relações Exteriores da República da Coreia, 2022). Essas atividades também estariam presentes na *Global Korea*, uma iniciativa que corresponde aos objetivos sul-coreanos na arena internacional e à ascensão cultural do país.

A COREIA DO SUL NA ARENA GLOBAL

O desenvolvimento da política externa sul-coreana e suas estratégias de projeção cultural, inclusive como ‘potência média’, estão intrinsecamente ligados à formação do Estado democrático sul-coreano na década de 1980 (Bedeski, 1994). A diplomacia pública do país passa por uma importante virada em 1988, com a eleição de Roh Tae Woo (1988-1993), o primeiro presidente democraticamente eleito após o longo regime militar iniciado em 1964. É no início da democracia sul-coreana que o país passa a investir efetivamente na construção de uma diplomacia pública aberta e na projeção de uma identidade nacional democrática, liberal e desenvolvida.

Essa preocupação com a projeção da identidade nacional sul-coreana, no entanto, já estava presente durante grande parte do regime militar, especialmente sob a liderança de Park Chung Hee (1963-1979), que buscou atrair a atenção internacional para a Coreia do Sul projetando o país como uma emergente potência econômica (Horton e Saunders, 2012). Um exemplo dessa estratégia foi a iniciativa de transformar Seul em sede dos Jogos Olímpicos ainda na década de 1970, objetivando evidenciar a Coreia do Sul como um país desenvolvido, capaz de sediar grandes eventos internacionais e turistas do mundo inteiro (Horton; Saunders, 2012).

A iniciativa de sediar as Olimpíadas, a qual simbolicamente marca a inserção internacional da Coreia do Sul, acontece em 1988, ao final do governo militar, coincidindo com a distinta política externa de Roh Tae Woo com a *Nordpolitik*. Além da olimpíada de verão, a política de Roh é fundamental para o início de uma ascensão da Coreia do Sul como potência diplomática regional, com o reconhecimento dos demais atores regionais — União Soviética e China — sobre as potencialidades econômicas do país e de seu rápido desenvolvimento (Bedeski, 1994).

Ainda que tivesse como objetivo principal a criação de uma política reagente à Coreia do Norte, a estratégia também promoveu um distanciamento dos EUA para uma maior independência de suas relações diplomáticas, e a normalização das relações da Coreia do Sul com a União Soviética e a China. É a partir do reconhecimento desses países que a Coreia do Sul passa a expandir suas relações diplomáticas, aumentando também as alianças econômicas e garantindo sua posição no cenário regional como um ator legítimo e influente, inclusive, na garantia da paz na península coreana (Bedeski, 1994). A *Nordpolitik* não é exitosa apenas em isolar politicamente a Coreia do Norte, mas também, em tornar a Coreia do Sul uma nova potencialidade diplomática para países fora do eixo alinhado aos EUA.

Roh Tae Woo é um dos primeiros presidentes a mencionar a Coreia do Sul como “potência média”, destacando o país como peça importante no contorno de um novo cenário internacional

pós-Guerra Fria, mas o conceito não se restringe somente a política externa do presidente em questão (Istad, 2019). A estratégia de diversificação das relações bilaterais e a expansão da Coreia do Sul como potência média é perpetuada pelos governos posteriores ao de Roh, como durante o governo de Kim Young Sam (1993-1998).

Ciente dos novos desafios que o cenário internacional globalizado apresentava para a diplomacia sul-coreana, o governo de Kim adotara a chamada “*seggyehwa*”, ou “globalização”, como uma das estratégias da sua nova política externa (John, 2015). A *seggyehwa* era um dos componentes principais da chamada “Nova Diplomacia”, como uma estratégia de “reforma das concepções institucionais da Coreia do Sul na expectativa de tornar o país parte do centro do mundo no futuro” (John, 2015). A estratégia se mesclava a política diplomática herdeira de Roh, e expandida de Kim, em um destaque para novas cinco temáticas que iriam guiar a política externa da Coreia do Sul no século XXI, sendo elas: o globalismo, diversificação das relações bilaterais, a multidimensionalidade das pautas temáticas e das alianças do país, a cooperação regional e a orientação futura. Ainda durante o governo Kim Young Sam, a Coreia do Sul passa a integrar organizações mundiais como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e participar mais ativamente dos debates levantados no âmbito das Nações Unidas, inclusive como membro do Conselho de Segurança entre 1996 e 1997 (John, 2015). Entre 1990 e 1998, mais de 40 países foram adicionados à lista de países que mantêm relações bilaterais com a Coreia do Sul, e em “diplomacia globalizada”, a Coreia do Sul se estabelece como um dos atores importantes na discussão de temas globais do momento como desarmamento do pós-guerra fria e Direitos Humanos (John, 2015).

É a partir do desenvolvimento dessa diplomacia pública mais ampla, aberta, e inserida nos debates sobre a globalização, que outras estratégias diplomáticas, como a da diplomacia cultural, são adotadas pela Coreia do Sul, sobretudo partir de governos como o de Kim Dae Jung (1998-2003), Roh Moo Hyun (2003-2008) e Lee Myung Bak (2008-2012).

Durante o governo Kim Dae Jung, por sua vez, além do esforço para o desenvolvimento da Política *Sunshine* para a Coreia do Norte, o presidente se torna o primeiro governo não apenas a declarar a promoção de indústrias culturais como uma prioridade nacional, mas também, a permitir a entrada de produtos culturais japoneses no mercado sul-coreano. Essa abertura facilitou o intercâmbio cultural e contribuiu para o desenvolvimento da própria indústria cultural sul-coreana (Otmazgin, 2011).

Com a Coreia do Sul compondo ativamente uma dita “quarta onda de países de potência média”, Roh Moo Hyun assume a presidência com a incumbência de perpetuar as políticas de seus antecessores e garantir a participação da Coreia do Sul no cenário internacional (Lee, 2012). Sua política externa se desenvolve principalmente nos eixos regionais e peninsulares, mas a retórica de manter o país nas discussões internacionais e projetar a Coreia do Sul como um parceiro econômico liberal e desenvolvido perpassa toda sua política externa (John, 2015). É nesse

contexto que o presidente estabelece a *Korea Foundation for Cultural Industries Exchange* (KOFICE), que, filiada ao Ministério da Cultura, dos Esportes e do Turismo, operaria de forma integrada na promoção da *Hallyu*, facilitando canais de comunicação entre entidades públicas e privadas, inclusive, fomentando a participação das indústrias privadas na promoção de eventos diplomáticos no exterior em congressos, apresentações e festivais de música (Istad, 2019).

O final do governo Roh Moo Hyun em 2008 é também o encerramento de um ciclo de dez anos de poder dos partidos liberais e a volta das alas conservadoras na figura do partido Saenuri e do presidente Lee Myung Bak. Para além do forte apelo do presidente Lee para a adoção de um de uma diplomacia de livre mercado, aliada aos EUA, e com medidas mais duras frente à Coreia do Norte — o que ficaria conhecido como Doutrina MB e seguia em direção contrária às iniciativas dos presidentes anteriores —, a presidência de Lee também tinha como foco iniciativas para a construção de uma política externa sul-coreana ativa e ativa (John, 2015).

A *Global Korea* e a *Green Korea* se estabelecem no âmbito do governo Lee principalmente como projetos que impulsionam a Coreia do Sul a influenciar e moldar temas internacionais (John, 2015). A ideia era não apenas a atuação do país nos debates internacionais no âmbito de organizações internacionais como a ONU, como nas discussões sobre desenvolvimento, *peacekeeping*, globalização, mas a própria divulgação de uma identidade nacional e de uma reputação para o mundo (John, 2015). A estratégia, já vista na diplomacia sul-coreana, agora, ganhava mais contornos culturais com a própria *Global Korea* projetando a Coreia do Sul também no imaginário popular (John, 2015).

Na própria definição da *Global Korea* a iniciativa é destacada não apenas como uma virada da política externa sul-coreana, mas também como um caminho quase natural ao próprio desenvolvimento econômico, político e cultural do país, sendo ela a possibilidade de inserir a Coreia do Sul no hall de países desenvolvidos. Como bem colocado na Estratégia de Segurança Nacional do governo Lee em 2009:

Enquanto a República da Coreia concentrou suas energias até o momento na construção e no desenvolvimento nacional, chegou a hora de a Coreia se esforçar para se tornar um país mais digno e encontrar seu lugar entre as nações avançadas. É isso que a visão do governo Lee Myung-bak para uma Coreia Global aspira alcançar. [...] Implica um ator global com amplos horizontes que se engaja proativamente com a comunidade internacional a serviço da paz e do desenvolvimento no mundo. Refere-se a uma Coreia que abandona o hábito de uma diplomacia voltada apenas para a Península Coreana e adota uma postura mais aberta e empreendedora, que vê o cenário mundial como a plataforma apropriada para sua política externa e seus interesses nacionais⁶ (Gabinete do Presidente da República da Coreia, 2009, p. 12, *tradução nossa*).

⁶ No original: “Whereas the Republic of Korea has hitherto focused its energies on nation-building and development, the time is now ripe for Korea to strive to become a more dignified country and to find its place among the ranks of advanced nations. This is what the Lee Myung-bak Administration’s vision for a Global Korea aspires to achieve. [...] It implies a global actor with broad horizons that engages proactively with the international community in the service of peace and development in the world. It refers to a Korea that leaves behind a habit of diplomacy narrowly geared

Uma das primeiras iniciativas práticas de Lee, logo em 2009, é a criação do *Presidential Council on Nation Branding* (PCND), na expectativa de vincular o desenvolvimento econômico da Coreia do Sul e a imagem internacional do país para o público estrangeiro (John, 2015; Istad, 2019). Além dos dez pontos da cultura sul-coreana a serem divulgados em eventos, iniciativas e programas no exterior pelo PCND, o governo Lee também se desdobrava em uma série de investimentos culturais institucionais, como a fundação da *Korea Public Diplomacy Forum* e a *Public Diplomacy Policy Division* no âmbito do Ministério das Relações Exteriores, a nomeação do primeiro embaixador sul-coreano para diplomacia pública, a criação do *Korean Wave Research Institute* (KWRI), além da instituição do *Senior Public Diplomacy Group* (SPDG) e do lançamento do Manual de Diplomacia Pública em 2010, com a nomeação da diplomacia cultural como o terceiro pilar do poder diplomático (Ma, Song e Moore, 2012; Istad, 2019).

Apesar do grande desenvolvimento da diplomacia sul-coreana a partir da *Global Korea* no governo Lee Myung Bak, e da própria iniciativa ser considerada o epítome da diplomacia globalizada da Coreia do Sul, é interessante observar como a própria emergência do país após anos de ditadura oferece os artifícios necessários e o contexto interno preciso para a efetivação da estratégia. A *Global Korea* não é apenas um artifício para a promoção da Coreia do Sul no cenário internacional e uma projeção de sua identidade nacional como potência média, mas também, uma própria consequência das escolhas e decisões diplomáticas continuadas ao longo dos anos por diversos governos durante seu desenvolvimento.

Interessante observar também que o espectro político dos presidentes, variando entre partidos mais conservadores e liberais, pouco influenciou na condução da política externa sul-coreana quanto à projeção do país e sua inserção no sistema internacional. Há uma continuidade nos projetos de divulgação da Coreia do Sul como um país de livre comércio, integrado às instituições internacionais e disposto a diversificar sua lista de relações bilaterais tanto em partidos conservadores e liberais, inclusive com um fomento das mesmas estratégias em ambas as administrações.

DA COREIA DO SUL PARA O MUNDO: A GLOBAL KOREA EM PERSPECTIVA

O controle de narrativas permeou a política doméstica e internacional sul-coreana desde o fim da Guerra da Coreia, em 1953. Os esforços dos governos coreanos ao longo das décadas que se seguiram à divisão estiveram atrelados ao embate entre as perspectivas neoliberais de avanço social e econômico através de sistemas abertos de fluxo de capital e mercadorias no Sul, e perspectivas socialistas de desenvolvimento nacional independente e autônomo no Norte. O

to the Korean Peninsula and adopts a more open and enterprising posture that sees the world stage as the appropriate platform for its foreign policy and national interest”.



objetivo de realizar a mudança estrutural da economia e sociedade sul-coreana impulsionou inicialmente o desenvolvimento de uma narrativa nacional de superação e reconstrução.

Com a consolidação do poder econômico, a Coreia reformulou-se no ideário mundial como tigre asiático — um país que tinha suplantado sua condição de receptor de ajuda externa para assumir uma posição de potência altamente industrializada e bem inserida nas cadeias de valor globais (John, 2015; Oliveira, 2025). Entretanto, essa nova posição a arena global não foi acompanhada de um aumento de status no jogo político mundial, criando uma situação paradoxal: manteve-se um alto poder econômico, mas desvinculado do poder político que traria a capacidade de interferir na determinação de agendas do regime internacional vigente.

Argumenta-se aqui que os esforços diplomáticos dos governos sul-coreanos do século XXI foram muito voltados para a construção de tal poder de moldagem do sistema internacional junto às grandes potências ocidentais. Além das iniciativas diplomáticas mais tradicionais, como a negociação de acordos de livre comércio e o envio de tropas para operações de paz, quando o governo Kim Dae Jung assumiu a exportação de produtos culturais como parte da estratégia de desenvolvimento econômico, estes também se tornaram parte do leque de recursos de poder disponíveis ao Estado para a consolidação desse objetivo nacional.

Dessa forma, a *Hallyu* foi desenvolvida como uma política pública cujo objetivo fora não somente a criação de influxo de capital estrangeiro, mas também de melhor compreensão e aceitação do país enquanto potência mediadora na região, especialmente em contraposição à figura beligerante e isolada da Coreia do Norte (Lee, 2011). Entretanto, no início, a *Hallyu* possuía abrangência limitada ao Sudeste asiático, uma vez que a utilização desses recursos tinha mais a ver com a resolução de problemas financeiros decorrentes da crise econômica asiática. Foi apenas a partir da *Global Korea*, no final dos anos 2000, que a indústria cultural da Coreia se tornou tão importante quanto as outras indústrias do plano de desenvolvimento econômico nacional (Kim; Jin, 2016; Hermanns, 2013).

John (2015) explica que o objetivo maior da iniciativa *Global Korea* era o de elevar a Coreia do Sul à condição de nação avançada de acordo com o ideal ocidental de desenvolvimento. Segundo ele, a iniciativa resgatava a ideia dos governos anteriores de superar a condição de “país atrasado” (*hujinguk*) para se tornar “país avançado” (*seonjinguk*), influenciando a construção de narrativas tanto para o público doméstico quanto para o público internacional: “enquanto entidade abstrata, a *seonjinguk* foi representada como objetivo nacional, status nacional e como o mais desejável nível ou tipo de realização” (John, 2015, p. 42, tradução nossa)⁷.

Assim, o governo assumiu uma estratégia de posicionar a Coreia do Sul como uma das nações capazes de mediar interesses conflitantes e arbitrar negociações difíceis (*hub nation*),

⁷ No original: “as an abstract entity, *seonjinguk* was represented as a national goal, national status, and as the most desirable level or type of attainment”.

concretizando um caminho para a obtenção do poder necessário para influenciar as regras do jogo político internacional (Lee, 2011). Sendo uma potência democrática, que atingiu prosperidade na economia mundial e que possui um caráter não-ameaçador para o *status quo*, a Coreia do Sul serviria como uma nação modelo a ser imitada por países em desenvolvimento (Lee, 2011; Hermanns, 2013).

Por isso, no contexto de crise financeira em 2008, o governo buscou aumentar a capacidade de governança mundial para lutar contra esse tipo de crise por meio de uma atuação mais enfática no G20, trazendo ao país a Cúpula do G20 em 2010, que pela primeira vez se realizava fora de uma potência do G7 (Ikenberry; Mo, 2013). Lee também garantiu ampliar a participação coreana na OCDE, onde prometeu aumentar a contribuição para o Comitê de Ajuda ao Desenvolvimento para se igualar aos demais membros (Ikenberry; Mo, 2013; Lee, 2011). Priorizando especialmente a região onde o país se insere, no Leste asiático, o governo anunciou a “*New Asia Initiative*”, cujas principais contribuições foram no âmbito da ASEAN, com a garantia de aumento de ajuda externa para o desenvolvimento (ODA), especialmente voltada ao progresso técnico e desenvolvimento “verde”, buscando levar à frente a agenda de segurança humana da região, que além da crise financeira que aprofundava os impactos da crise de 1997, se encontrava assolada pelos desastres naturais frequentes e pelas epidemias de SARS, gripe aviária e H1N1 (Lee, 2010). Ademais, o governo investiu em acordos de comércio preferenciais com Índia e União Europeia, além de iniciar conversas informais nesse sentido com a Austrália, Nova Zelândia, Turquia e Colômbia (Koo, 2009), demonstrando manter a perspectiva de diversificação de parcerias dos governos anteriores. Por fim, Lee também buscou ampliar a participação coreana na ONU, com o envio de mais de 3000 soldados para contribuir com as operações de paz (Lee, 2011).

Essas ações governamentais denotam a tentativa do governo de se consolidar como uma das lideranças regionais sem recorrer ao fortalecimento militar, já que este poderia gerar conflitos em uma região já marcada pela belicosidade. Em vez disso, a *Global Korea* buscava estabelecer uma liderança de médio porte que contribuísse para o estabelecimento de bens públicos, formação de consenso em prol da ordem internacional, defendendo valores democráticos e liberdade comercial. Contudo, a *Global Korea* não trouxe apenas essas agendas tradicionais da política internacional — esteve também vinculada à *hallyu*, que já era um importante esforço diplomático, mas aumentou em escopo e mudou a forma de se apresentar ao mundo com o ajuste na política externa realizado na *Global Korea*.

A proposta do governo desse período foi a de investir em *nation branding*, uma estratégia de internacionalização baseada na criação de uma imagem nacional atrelada à produtos de excelência, de boa qualidade, que associa tudo que é coreano a certo modelo ideal, instituído sob a ‘marca’ Coreia (Kim; Jin, 2016). Assim, tudo de origem coreana estaria sujeito ao padrão de qualidade dessa marca (o padrão coreano), atrelando a imagem nacional a de um produto que necessariamente precisa ser bom para que a estratégia funcione. De acordo com Dinnie (2008),

nation branding refere-se à aplicação de técnicas de gerenciamento de marca à promoção da identidade e da reputação de um país, visando a diferenciação positiva baseada na cultura e na consolidação de uma identidade nacional competitiva nos mercados internacionais.

Ao construir uma marca nacional de prestígio com produtos de extrema qualidade e intensivos em tecnologia, o governo também projeta uma imagem nacional de potência tecnológica e digitalizada, que serve ao interesse nacional de consolidar a Coreia do Sul como um modelo para aquelas potências que não atingiram o desenvolvimento econômico pleno (Hermanns, 2013). Também confirma para os governantes e populações alheias a ideia de que Seul tem plena capacidade de atuar como mediadora nas relações entre as potências na região, uma vez que está associada a essa imagem de sucesso em âmbitos caros a uma comunidade internacional globalizada e altamente interconectada por essas tecnologias. Essa dupla função revela a força da diplomacia na estratégia de inserção internacional que o país vem implementando ao longo das últimas décadas.

Com o surgimento das tecnologias digitais e das mídias sociais, a forma de apresentar a *Hallyu* para o mundo mudou, dando início ao que ficou conhecido no meio acadêmico como *Hallyu* 2.0 (Lee, 2011; Jin, 2012). A partir daí, o investimento, que nos governos anteriores se voltava muito para a indústria de filmes e K-dramas, agora se voltava a outros tipos de produto, como os cosméticos, a comida coreana e sobretudo o K-pop e os jogos eletrônicos, especialmente do gênero MMORPG (Jin, 2012; Kamon, 2022). Esses dois últimos se tornaram rapidamente os gêneros culturais mais exportados da *Hallyu*, uma vez que geram muito engajamento em comunidades online, criando um tipo de consumo estruturado pela própria interação nessas plataformas (Jin, 2012). Assim, se na *Hallyu* 1.0 o foco era a venda para os países vizinhos, a partir da incorporação das mídias sociais à estratégia de projeção internacional na *Hallyu* 2.0 o foco passou a ser a exportação para o mundo todo (Jin, 2012).

Assim, a conjugação da diplomacia nacional às tecnologias digitais e redes sociais adotada a partir da *Global Korea* aumenta a abrangência e a potência dessa estratégia à nível global, denotando a principal distinção entre a forma de lidar com a diplomacia pública antes e depois dessa era. Apesar de desenvolver um recurso que já existia e já era validado em termos de investimentos governamentais, já que a *Hallyu* já era tratada como parte do planejamento de desenvolvimento nacional desde Kim Dae Jung, o governo de Lee Myung Bak demonstrou estar disposto a comercializar melhor os produtos culturais escolhidos para a *Hallyu*, favorecendo a capacidade destes para ajudar no desenvolvimento econômico e prestígio internacional, ou seja, aumentando a sua efetividade enquanto ferramenta de diplomacia pública (Hermanns, 2013; Kamon, 2022).

Retomando os aportes e objetivos de diplomacia pública descritos anteriormente, pode-se encontrar na *Global Korea* a consolidação de uma estratégia de inserção internacional voltada à recursos de *soft power*, posto que foi utilizada para se comunicar com o público internacional e

impulsionar sua compreensão sobre a Coreia, defendendo e promovendo os interesses e valores do país para as populações e governos de outros países. É isso que se encontra na Estratégia de Segurança Nacional de Lee (2009), que define como objetivos da *Global Korea*: (1) promover relações intercoreanas voltadas à prosperidade mútua e à desnuclearização; (2) expandir uma diplomacia em rede cooperativa, consolidando a aliança com os EUA e ampliando parcerias globais; (3) adotar uma política externa pragmática baseada em comércio, energia e ajuda internacional; e (4) modernizar a defesa dentro de uma visão de segurança abrangente. Esses objetivos redefinem a segurança nacional pela interdependência entre segurança, economia e o prestígio internacional, formalizando uma estrutura de segurança ampliada, baseada em “poder inteligente” (*smart power*), integração econômica e diplomacia em rede (Gabinete do Presidente da República da Coreia, 2009). Se os objetivos consolidados atualmente para essa estratégia estão relacionados a posicionar o país como uma potência em ciência, tecnologia e cultura e criar um ecossistema digital e inovador para a diplomacia pública, foi por conta da instituição da *Global Korea* como política pública.

As administrações seguintes se desenvolveram sobre a base estratégica criada na *Global Korea*, incrementando e aumentando seu escopo, ainda que condenando algumas práticas do governo de Lee Myung Bak. A sucessora Park Geun-hye (2013-2017) por exemplo, apesar de não apoiar a estratégia, desmantelar parte do que foi construído na *Green Korea* e abdicar em parte da liderança no G20 (Mo, 2016), ainda assim investiu no *nation branding* e no estilo de comercialização iniciados em 2008 através de sua estratégia de “Economia Criativa”, que se baseia na incrementação da economia e criação de empregos através da conjugação das indústrias tradicionais com a as tecnologias da informação e comunicação (ICT) (Kim; Jin, 2016). Durante o seu governo, em 2016, foi promulgado o Ato da Diplomacia Pública, que estabeleceu um Comitê de Diplomacia Pública e buscou eliminar redundâncias e dar fundamentos legais para as atividades cujo objetivo girasse em torno de aumentar a compreensão de estrangeiros sobre a Coreia do Sul (Ayhan, 2017).

Da mesma maneira, o presidente seguinte, Moon Jae-in (2017-2022) também seguiu com algumas das decisões tomadas na *Global Korea*. Exemplos disso são a volta do protagonismo sul-coreano no G20; o desenvolvimento da estratégia de engajamento com a ASEAN, que se consolidou com a sua *New Southern Policy*, voltada para o Sudeste asiático; e o set de *New Deals* do governo, que abordava dois temas caros à *Global Korea* – o desenvolvimento verde (*Green New Deal*) e a conjugação da diplomacia com a *Hallyu* e as tecnologias digitais (*Digital New Deal*) (Jones, 2021). Atualmente, pode-se observar os impactos dos esforços de institucionalização iniciados em 2008 na formulação da Lei Marco de Promoção das Indústrias da *Hallyu* de 2024, que sustenta uma definição legal da *Hallyu* e das empresas, entidades de negócios e setores envolvidos, bem como seus objetivos e alvos enquanto política nacional (Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, 2024).

Fica claro que a *Global Korea* foi apenas um dos passos dados em direção ao prestígio internacional experimentado pela Coreia hoje. De modo geral, todas as administrações desde o final do regime militar vêm incorporando as políticas culturais como parte dos recursos de poder disponíveis para buscar o interesse nacional no jogo político mundial. O que destaca a *Global Korea* não é a utilização da *Hallyu* enquanto recurso, mas sim a forma de operacionalização das indústrias envolvidas na construção do fenômeno em prol de um interesse nacional que se mostra perene mesmo com as mudanças de partidos políticos na presidência da república. Se antes o investimento na projeção cultural foi pensado para ajustar a economia nacional em crise e promover o desenvolvimento econômico, a partir de então esse investimento passou a ser pensado para agregação de capital político e para aumentar a capacidade de influência no âmbito internacional. Sendo assim, pode ser interpretada como um ajuste significativo na trajetória de política externa sul-coreana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do conceito de diplomacia pública, voltado para a comunicação com o público internacional de um país para promover interesses, valores e compreensão internacional (Gregory, 2011; Gilboa, 2015), este artigo discorreu sobre a iniciativa *Global Korea*, criada durante o governo de Lee Myung Bak (2008-2012) como uma estratégia voltada à promoção de uma política externa sul-coreana mais ativa. Nesse período, os recursos culturais e a comunicação com o público internacional foram convertidos em pilares relevantes para a diplomacia sul-coreana.

A *Global Korea* utilizou estratégias como a promoção da marca nacional, a instrumentalização do êxito cultural obtido pela *hallyu* e a utilização das tecnologias digitais de forma a melhorar a sua comunicação com o público externo e avançar agendas da política externa sul-coreana, como o aumento do engajamento com o Sudeste Asiático, o papel mais ativo no G20 e a promoção do desenvolvimento econômico. Nesse sentido, para além da comunicação e dos recursos culturais, a *Global Korea* é essencialmente uma iniciativa para ampliar o capital político sul-coreano no sistema internacional.

Neste artigo, abordamos a *Global Korea* até o governo de Moon Jae-in (2017-2022), pois o seu sucessor, Yoon Suk-yeol (2022-2025), teve o seu governo interrompido por uma tentativa de golpe de Estado com ampla repercussão internacional. Assim, esse governo e suas consequências para a *Global Korea* – e para a política externa sul-coreana como um todo, valem uma pesquisa futura.

No geral, a experiência sul-coreana demonstra como a cultura pode ser atrelada às estratégias de política externa dos países. Nesse sentido, não seria somente um recurso relevante para impulsionar o turismo ou a marca da nação, mas também para fortalecer um terreno mais fértil para os posicionamentos internacionais do país, criando vínculos afetivos com públicos estrangeiros, ampliando sua influência simbólica e, conseqüentemente, favorecendo a construção de alianças políticas, econômicas e diplomáticas. A projeção internacional da cultura sul-coreana,



com destaque para a *Hallyu*, evidencia como a cultura pode ser utilizada como parte de um projeto geopolítico mais amplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ayhan, K. (2017) "Korea's Soft Power and Public Diplomacy Under Moon Jae-In Administration: A Window of Opportunity". In: AYHAN, K. (ed.), *Korea's Soft Power and Public Diplomacy*. Seoul: Hangang Network, pp. 13–32.

Bedeski, R. E. (1994). *The transformation of South Korea: reform and reconstruction in the Sixth Republic under Roh Tae Woo, 1987–1992*. London and New York: Routledge.

Bijos, L. M. D.; Arruda, V. (2010). 'A diplomacia cultural como instrumento de política externa brasileira'. *Revista Diálogos*, 13(1), pp. 33-53. Disponível em:<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/2912>>. [Acesso em: 19 abr. 2024].

Breznican, A. (2012). *New documents explain Pentagon, CIA cooperation on Zero Dark Thirty*. 2012. Disponível em: <<https://ew.com/article/2012/08/28/zero-dark-thirty- documents>>. [Acesso em: 19 abr. 2024].

Clarke, D. (2020). Cultural diplomacy. Oxford: *Oxford Research Encyclopedia of International*.

Dinnie, K. (2008). *Nation branding: Concepts, issues, practice*. Oxford: Butterworth-Heinemann.

Duncombe, C. (2019). 'Digital diplomacy: Emotion and identity in the public realm'. *The Hague Journal of Diplomacy*, 14(1-2), p. 102-116. Disponível em: <brill.com/view/journals/hjd/14/1-2/article-p102_8.xml>. [Acesso em: 19 abr. 2024].

Gabinete do Presidente da República da Coreia. (2009). *Global Korea: the national security strategy of the Republic of Korea*. Disponível em: <<http://17cwgpa.go.kr/government/golbalkorea/globalkorea.php>>. [Acesso em: 30 out. 2025].

Gilboa, E. (2016). "Public Diplomacy". In: MAZZOLENI, G. (ed.), *The International Encyclopedia of Political Communication.*, pp.1-9.

Gregory, B. (2011). 'American public diplomacy: Enduring characteristics, elusive transformation'. *The Hague Journal of Diplomacy*, 6(3-4), pp. 351-372. Disponível em:<<https://api.semanticscholar.org/CorpusID:153749830>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

Hermanns, H. (2013). 'National role conceptions in the 'Global Korea' foreign policy strategy'. *The Korean Journal of International Studies*, 11(1), pp. 55-82. Disponível em:<<https://doi.org/10.14731/kjis.2013.06.11.1.55>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

Horton, P.; Saunders, J. (2012). 'The 'East Asian' Olympic Games: What of Sustainable Legacies?'. *The International Journal of the History of Sport*, 29. pp. 887-911. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/09523367.2011.617587>>. [Acesso em: 19 abr. 2024].

Ikenberry, J. e Mo, J. (2013) *The Rise of Korean Leadership: Emerging Powers and Liberal International Order*. New York: Palgrave.

Istad, F. (2019) "A Strategic Approach to Public Diplomacy in South Korea". In K. AYHAN (ed.), *Korea's Public Diplomacy*. Seoul: Hangang Network, pp. 49-80.

Jin, D. Y. (2012). 'Hallyu 2.0: the new korean wave in the creative industry'. *The Journal of International Institute*, 2(1), pp. 3-7. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027/spo.11645653.0002.102>>. [Acesso em: 20 jan. 2025].

John, V. J. (2015). 'Globalization, National Identity and Foreign Policy: Understanding 'Global Korea''. *The Copenhagen Journal of Asian Studies*. 33(2), pp. 39-57. Disponível em: <<https://rauli.cbs.dk/index.php/cjas/article/view/4965>>. [Acesso em: 19 mar. 2025].

Jones, R. S. (2021). *The Korean New Deal*. Disponível em: <https://keia.org/the-peninsula/the-korean-new-deal/>. [Acesso em: 15 abr. 2025].

Kamon, B. (2022). 'The Hallyu policies of the Korean government'. *Journal of Language and Culture*, 41(2), pp. 1-24. Disponível em: <<https://so03.tci-thaijo.org/index.php/JLC/article/view/265736>>. [Acesso em: 30 out. 2025].

Kim, T. Y.; Jin, D. Y. (2016). 'Cultural Policy in the Korean Wave: An Analysis of Cultural Diplomacy Embedded in Presidential Speeches'. *International Journal of Communication*, [S.l.], 10, pp. 5514-5534. Disponível em: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/5128>>. [Acesso em: 20 jan. 2025].

Kim, B. R. (2015). 'Past, present and future of Hallyu (Korean Wave)'. *American International Journal of Contemporary Research*, 5(5), pp. 154-160. Disponível em:<<https://api.semanticscholar.org/CorpusID:32194632>>. [Acesso em: 19 abr. 2024].

Koo, M G. (2009). 'Embracing Asia, South Korean Style: Preferential Trading Arrangements as Instruments of Foreign Policy'. *EAI Issue Briefing* n. MASI 2009-08. *Seul: East Asia Institute*. Disponível em: <https://www.eai.or.kr/new/en/etc/search_view.asp?intSeq=16828&board=eng_reports>. [Acesso em: 14 abr. 2025].

Lee, J. (2010). ROK's "New Asia Initiative" in 2010: Direction and Tasks. *IFANS Focus*, 06E. *Seul: The Institute of Foreign Affairs and National Security*, 2010. Disponível em: <<https://www.ifans.go.kr/knda/ifans/eng/pblct/PblctView.do?csrfPreventionSalt=null&pblctDtaS>>

[n=10541&menuCl=P11&clCode=P11&koreanEngSe=ENG&pclCode=&chcodeId=&searchCondition=searchAll&searchKeyword=&pageIndex=47](#)>. Acesso em: 14 abr. 2025.

Lee, S. J. (2011) "South Korean Soft Power and How South Korea Views the Soft Power of Others". In: LEE, S. J. and MELISSEN, J. (eds.), *Public Diplomacy and Soft Power in East Asia*. New York: Palgrave Macmillan, pp. 139–161.

Lekakis, N. (2019). 'The limits of soft power-sports diplomacy templates in IR research'. *E-International relations*. Disponível em: <<https://www.e-ir.info/2019/06/23/the-limits-of-soft-power-sports-diplomacy-templates-in-ir-research/>>. [Acesso em: 19 mar. 2025].

Ma, Y. S.; Song, J.; Moore, D. E. (2012). 'Korea's Public Diplomacy: A New Initiative for the Future'. *Seoul: Asan Institute for Policy Studies*, 39, pp. 1-25. Disponível em: <<https://en.asaninst.org/contents/issue-brief-no-39-koreas-public-diplomacy-a-new-initiative-for-the-future/>>. [Acesso em: 19 mar. 2025].

Ministério das Relações Exteriores da República da Coreia. (2022). *Introduction of the Public Diplomacy & Policies*. Disponível em: <https://www.mofa.go.kr/eng/wpge/m_26885/contents.do>. [Acesso em: 02 mar. 2025].

Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da República da Coreia. (2024). *Framework Act on the Promotion of Hallyu Industries*. Disponível em: <https://elaw.klri.re.kr/eng_service/lawView.do?hseq=70057&lang=ENG>. [Acesso em 30 out. 2025].

Mo, J. (2016) 'South Korea's middle power diplomacy: A case of growing compatibility between regional and global roles', *International Journal*, 71(4), pp. 587–607. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0020702016686380>> [Acesso em: 15. abr. 2025].

Nye, J. S. (2008). 'Public diplomacy and soft power'. *The annals of the American academy of political and social science*, 616(1), pp. 94-109. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/25097996>>. [Acesso em: 02 mar. 2025].

Nye, J. S., Jr. (2019). 'Soft Power and Public Diplomacy Revisited'. *The Hague Journal of Diplomacy*, 14(1-2), 7-20. Disponível em: <https://brill.com/view/journals/hjd/14/1-2/article-p7_2.xml>. [Acesso em: 30 out. 2025]

Oliveira, C. V. A. *The Hallyu Wave as a Strategic Soft Power Tool: South Korea's Cultural Diplomacy in the 21st Century*. (2025). Em SciELO Preprints. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12388>>. [Acesso em: 30 out. 2025].

Otmazgin, N. (2011). 'A Tail that Wags the Dog? Cultural Industry and Cultural Policy in Japan and South Korea'. *Journal of Comparative Policy Analysis*, 13(3), pp. 307-325. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13876988.2011.565916>>. [Acesso em: 02 mar. 2025].



Ramaprasad, J. (1983). Media diplomacy: In search of a definition. *Gazette*, 31(1), pp. 69-78. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1177/001654928303100107>>. [Acesso em: 02 mar. 2025].

Rashica, V. (2018). 'The benefits and risks of digital diplomacy'. *Seeu Review*, 13(1), pp. 75-89. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/330572468_The_Benefits_and_Risks_of_Digital_Diplomacy>. [Acesso em: 13 abr. 2025].

Silva, A. M.; Viana, T. S.; Oliveira, A. C. G. (2024). 'Dribles, Dança e Diplomacia O pop sul-coreano e o basquete estadunidense como ferramentas diplomáticas para a Coreia do Norte'. *Revista de Estudos Internacionais*, 15, pp. 206-228. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REI/pt_BR/article/view/3400>. [Acesso em: 30 out. 2025].

Sotiriu, S. (2015) "Digital diplomacy: Between promises and reality". In: BJOLA, C. and HOLMES, M. (eds.). *Digital Diplomacy*. London: Routledge, pp. 33-51.

World Bank Group (s.d). *KoDi: Korea Digital Development Program*. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/programs/kodi/overview>> [Acesso em: 11 abr. 2025].